

CONVERSAS

Heleno PEREIRA



Todos os homens do general Heleno

Encarregado da frente militar da Missão de Estabilização do Haiti das Nações Unidas (MINUSTAH), o general brasileiro Heleno Pereira recebeu o comando da, quiçá, mais complicada operação de paz das Nações Unidas jamais empregada nas Américas e o mais volumoso engajamento militar brasileiro desde o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) à Itália na Segunda Guerra Mundial. Criticado pela imprensa e por especialistas por não ter logrado restabelecer a ordem e condições mínimas de segurança na ilha – na esteira do conflito civil que havia culminado com a saída do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide, Heleno tem defendido publicamente a idéia de que é necessário dotar a missão da ONU de um componente que supere as fronteiras das atribuições essencialmente militares de defesa e segurança; o general brasileiro acredita que a situação do Haiti depende intrinsecamente da promoção do desenvolvimento e do erguimento de instituições, o que pode ser facilitado pelo trabalho das tropas onusianas. À ocasião do encontro anual de comandantes de forças e chefes de polícia das operações de paz na sede das Nações Unidas em Nova York, o ex-chefe da MINUSTAH respondeu às seguintes perguntas:

Como o senhor avalia a MINUSTAH e seu desempenho? Como lida com as críticas?

Estou completando um ano e dois meses de missão. E sofri realmente muitas críticas e acredito que ainda vou sofrê-las até o término da missão. Isso faz parte do contexto de uma operação de paz. A missão vai em breve enfrentar um momento difícil, são as eleições no país, cujo primeiro turno está previsto para 9 de outubro, em seguida 17 de novembro, e o turno final nas eleições presidenciais em 18 de dezembro [as datas das eleições foram adiadas, e ainda não remarcadas]. São datas em que as exigências e os desafios vão ser maiores. Mas acredito que estamos em um bom caminho. Os altos e baixos são naturais em uma missão desse tipo.

"Devemos considerar que a situação no Haiti tem que ser analisada sob dois aspectos: a capital e o interior do país. O interior do país está calmo e seguro há mais de cinco meses. A capital, Porto Príncipe – inegavelmente, o termômetro da situação do Haiti, porque é o que tem visibilidade e repercussão -, passa por altos e baixos"

Devemos considerar que a situação no Haiti tem que ser analisada sob dois aspectos: a capital e o interior do país. O interior do país está calmo e seguro há mais de cinco meses. A capital, Porto Príncipe – inegavelmente, o termômetro da situação do Haiti, porque é o que tem visibilidade e repercussão -, passa por altos e baixos. O desprestígio da polícia haitiana contribui muito para esse clima quase doentio de insegurança na população. Nós tivemos que enfrentar tal situação à época em que estávamos fazendo a rotação dos quatro contingentes que trabalham em Porto Príncipe – contingentes de Brasil, Jordânia, Sri Lanka e Peru. Os quatro contingentes estavam rodando e a situação estava ruim do ponto de vista de segurança. Eu não podia declarar isso; seria dizer às gangues e aos bandidos que eles tinham o caminho senão aberto, ao menos facilitado por uma situação inevitável, uma vez que não podíamos deixar de trocar os contingentes.

Logo após essa troca ser concretizada, começamos a realizar operações pontuais. O novo contingente brasileiro teve uma postura melhor no controle de uma das áreas mais difíceis de Porto Príncipe, a favela de Bel Air. Também houve uma operação de êxito no dia 6 de julho em Cité Soleil, voltada para liquidar com as bases e para

prender os principais líderes da quadrilha do bandido mais procurado da cidade, o Emmanuel "Dred" Wilme. Nós podemos dizer que houve uma recuperação espetacular na segurança da cidade, mas não podemos garantir que esse status vai permanecer.

"A última grande modificação, que não foi nem considerada na concepção da MINUSTAH, foi proporcionada pela passagem do presidente Aristide no poder, que sabidamente armou grupos dentro das favelas, principalmente de Porto Príncipe"

A Anistia Internacional sugeriu o desarmamento como um dos elementos fundamentais no Haiti. O desarmamento sempre é bom em qualquer situação de guerra ou não é a solução definitiva?

A situação de desarmamento é muito complexa, como tudo no Haiti é muito complexo. O Haiti é uma sociedade extremamente complexa. Não é um país que está lutando por sua independência; é um país de duzentos anos de história, que compreende inúmeras passagens extremamente violentas, conduzidas por ditadores, conduzidas em cima de golpes de Estado. A última grande modificação, que não foi nem considerada na concepção da MINUSTAH, foi proporcionada pela passagem do presidente Aristide no poder, que sabidamente armou grupos dentro das favelas, principalmente de Porto Príncipe. E esses grupos são responsáveis não só por ações que têm conotação política, mas principalmente por ações criminosas que geram esse clima de pânico na população. Sabemos do nosso país que não é fácil desarmar gangues dentro das favelas.

O desarmamento tem, basicamente, três aspectos principais: desarmar, desmobilizar e reintegrar. A desmobilização e o desarmamento estão ligados, são ações quase simultâneas. A reintegração é extremamente complicada em um país como o Haiti. Reintegração significa colocar o indivíduo desarmado e desmobilizado,

"Em um país que já tem 80% da população desempregada, ou vivendo na economia informal, como se reintegra esse elemento desarmado? Esse é o grande 'x' do problema de desarmamento no Haiti: como reintegrar aqueles com quem se negociam a desmobilização e o desarmamento"

provavelmente um sujeito que não tem emprego, de volta à sociedade. Em um país que já tem 80% da população desempregada, ou vivendo na economia informal, como se reintegra esse elemento desarmado? Esse é o grande "x" do problema de desarmamento no Haiti: como reintegrar aqueles com quem se negociam a desmobilização e o desarmamento.

General, o senhor comanda uma força multinacional e multidisciplinar, e até de diferentes origens militares. Como o senhor vê o futuro do engajamento das forças armadas nacionais?

Acredito que as forças armadas não escaparão à globalização. Não conseguimos isolar em nenhum aspecto da vida moderna; também as forças armadas terão que aprender a trabalhar juntas, em operações de paz e de defesa nacional. Dificilmente as coisas irão acontecer isoladamente, de tal forma que só uma força armada esteja empenhada no problema. No caso da MINUSTAH, talvez seja uma das facetas mais fascinantes da minha experiência, uma vez que tenho doze contingentes sob meu comando. Não falo mais de quinze minutos no mesmo idioma, porque meu Estado-Maior reúne oficiais de dezessete países diferentes. Falo inglês com oficiais do Sri Lanka, do Nepal; falo espanhol com oficiais argentinos, chilenos e uruguaios. A língua do país é francês; tenho oficiais canadenses, franceses, do Burundi. Nunca sei qual língua vou falar dentro de cinco minutos. É uma experiência fantástica e mostra a dificuldade de coordenar tropas que vêm de países distantes com culturas inteiramente diferentes, inclusive treinadas em doutrinas militares de influências distintas. Mas é verdade que do ponto de vista disciplinar e do cumprimento de ordens, ainda não tive nenhum problema com meus doze contingentes.

"Nunca sei qual língua vou falar dentro de cinco minutos. É uma experiência fantástica e mostra a dificuldade de coordenar tropas que vêm de países distantes com culturas inteiramente diferentes, inclusive treinadas em doutrinas militares de influências distintas. Mas é verdade que do ponto de vista disciplinar e do cumprimento de ordens, ainda não tive nenhum problema com meus doze contingentes"